

## A ARTE A SERVIÇO DO SAGRADO: A ARTE SACRA DE CLÁUDIO PASTRO (1948-) E O SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA

João Paulo Berto<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

No campo contemporâneo das artes plásticas ditas sacras, percebe-se certa uniformização de traços, cores e imagens. Esta *nova* concepção do pensar artístico, contudo, é reflexo de uma série de discussões que foram travadas no seio da Igreja Católica desde o final do século XIX, aliando arte, teologia e liturgia. Esta apresentação, assim, busca tratar sobre estes discursos da arte sacra, tomando a obra do brasileiro Cláudio Pastro (1948-) como estudo exemplar nestes apontamentos.

Em linhas gerais, tais discussões propuseram o retorno a um momento dito “original” e único para o cristianismo, uma vez que, para estes grupos, a história da Igreja esteve inserida em diversos momentos culturais que conseguiram desfigurar e descaracterizar o verdadeiro espírito do culto cristão partilhado na Antiguidade, no qual Cristo era visto como o templo, o Altar e a verdadeira Páscoa. Assim, em meados do século XIX e, sobretudo, com o movimento litúrgico do início do século XX, idealizou-se uma volta às fontes da liturgia, tradição e arte cristãs, ou seja, a Igreja Primitiva ou da chamada Tradição Apostólica.

O movimento de renovação da liturgia<sup>2</sup>, nascido na Europa no fim do século XIX, responsável por traçar os contornos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) e a promulgação da Constituição Sacrosanctum Concilium, originou-se nas reformas empreendidas nos ambientes monásticos, sobretudo beneditinos, iniciado na França e espalhado pela Bélgica e, particularmente, pela Alemanha. Nesta chave, a arte e a arquitetura das igrejas ganharam também espaço, sem-

---

1 Bacharel e Licenciado em História, com ênfase em Patrimônio Histórico e Cultural, pelo IFCH/UNICAMP. Mestrando em História Cultural (bolsista Fapesp) na mesma instituição, sob orientação da Profª. Dra. Eliane Moura da Silva. Contato: [joaopberto@yahoo.com.br](mailto:joaopberto@yahoo.com.br).

2 Como afirma Maria Paiano, *le radice del movimento liturgico affondano in quella cultura intransigente che, definitasi tra la Rivoluzione francese e la Restaurazione, era divenuta largamente egemone già nella seconda metà dell'Ottocento. Tale cultura si caratterizzava per un'analisi di tutta l'età moderna – dal l'umanesimo alla Rivoluzione francese, passando per le tappe intermedie della riforme protestante e del razionalismo illuminista – come un processo di rovinoso decaimento dello spirito cristiano, sempre più respinto ai margini della vita politica e sociale da un'umanità che, cedendo all'orologio, aveva preteso di dare un fondamento autonomo a tutte le dimensioni della propria esistenza, prescindendo dal necessario riferimento alla religione e in particolare agli insegnamenti della chiesa cattolica.* (PAIANO, 2000: 6-7).

pre tendo em vista uma liturgia clara. Isto pode ser entendido por meio dos vários documentos eclesiais, sendo *Tra le sollecitini*, de 22 de outubro de 1903, o primeiro impulsionador. Buscando um movimento que partisse da hierarquia da Cúria Romana, longe de imposições locais, a carta apontava o valor de uma liturgia mais pura, vista como uma oração da Igreja capaz de substituir individualidades.

Propunha-se uma convergência entre o resgate da liturgia e iconografia primitivas e a arquitetura e as artes do presente. A verdadeira igreja deveria eliminar devocionismos e superficialidades que não representassem os ideais do culto cristão, encarando a arte como uma extensão do serviço divino (liturgia) e uma oferenda ao sagrado. Com isso, o simbolismo e a contenção das formas (arquitetônicas e decorativas) tornaram-se elementos essenciais para nortear a compreensão de qualquer espaço litúrgico, alcançando o grau máximo com a noção de Beleza. O centro da liturgia, o Mistério Pascal, deveria sobressair, ressaltando o Altar único, símbolo do Cristo, devendo a arte levar à contemplação direta e objetiva do sagrado, longe de devocionismos.

#### CLÁUDIO PASTRO: MODELO DE ARTISTA SACRO

É nesta chave compreensiva que Pastro se insere e produz sua arte sacra. Nascido em São Paulo, em 16 de outubro de 1948, Cláudio Pastro dedica-se à arte desde a juventude, considerando que seu traço e sua espiritualidade foram influência das congregações religiosas estabelecidas próximas a sua casa. Estas o inseriram nos debates litúrgicos renovados, na arte sacra, sobretudo na iconografia do cristianismo primitivo. Apesar de não ter formação específica em arte sacra (é cientista social formado pela PUC-SP), fez alguns cursos no exterior, onde tomou contato com diversos estilos artísticos. Seu ponto de partida é a arte medieval, segundo ele baseada na simplicidade e tida como verdadeiro estilo da cristandade, a qual foi incorporada e relida tecnicamente à luz das correntes modernas.

Iniciou sua produção na Europa, na década de 1970, quando no Brasil crescia a Teologia da Libertação, de quem Pastro sempre foi contrário. Tomando uma postura crítica, aponta que pensar a arte sacra como uma aliada da liturgia neste país é ainda uma tarefa árdua, uma vez que “o Brasil é um país inculto, sendo difícil enfrentá-lo. O clero nos últimos anos sempre tem sido mais

(e mais) medíocre”<sup>3</sup>. Devido a isso, a arte desenvolvida pela Igreja Católica nestas terras seria desencarnada e sem sentido, uma verdadeira grosseria.

A obra de Pastro, nesta linha, teve e ainda tem grande repercussão, colocando sua marca entre diversas construções, reambientações e “restausros” de igrejas (por mais que não seja arquiteto), além de outros trabalhos. Criando um estilo próprio, suas composições, com os anos, foram se tornando cada vez mais simplificadas e estilizadas, tendo a força nos traços muito simples, finos e econômicos, derivados da iconografia bizantina. Seu reconhecimento pela Igreja como um dos mais importantes artistas sacros, algo que se justifica pela concernência de suas idéias àquelas da instituição, forneceu um grande impulso para a sua carreira, levando-o a realizar obras pelo mundo todo.

Suas criações apresentam uma grande concepção simbólica ligada ao contexto em que são realizadas. Influenciado pela presença indígena e negra dos artistas, sobretudo anônimos, busca uma forma de entrelaçar o belo com a missão do evangelizador. Tudo em sua obra (pinturas, esculturas, vitrais, azulejos) é minuciosamente pensado e suas correlações pretendem sempre unir aqueles que usam o ambiente litúrgico ao aspecto principal de sua obra que é o Sagrado. As pinturas, esculturas ou o próprio espaço em si (noção arquetônica), que tem essa função, formam o fator chave para que o sagrado se manifeste ao homem, juntamente com a questão missionária. Por isso, Pastro afirma que sua arte buscaria exprimir “o gosto por uma arte arrojada, forte e atual, deixando de lado o mero copismo de “santinhos” de gosto duvidoso que ainda pairam por aí e colocam em questão a fé cristã” (PASTRO, 2001: 16-17). De fato, o artista é extremamente crítico com relação ao modo como arte sacra, liturgia e religião caminham, sobretudo no Brasil. Como ele aponta criticamente, “entrando em nossas igrejas e vendo nossas celebrações, tem-se a impressão de que o Concílio Ecumênico Vaticano II realmente ainda não aconteceu” (PASTRO, 1993: 14).

A escolha de Pastro por uma tendência que ansiava resgatar as artes e espiritualidade dos primeiros séculos da história de Igreja não foi algo feito de modo aleatório, mas deve ser lida dentro das discussões que há cerca de um século estão presentes no meio eclesial. Um estudo de caso

---

3 Entrevista cedida por Cláudio Pastro ao autor em 21 de novembro de 2008. Esta posição é frequente nas entrevistas que o artista sacro cede. Outro exemplo: ao ser questionado qual seria a maior dificuldade e entrave de sua obras, respondeu: *O clero, o clero é o maior entrave para a arte sacra. Falta-lhe a sabedoria do Espírito que se exercita na oração e liturgia diária. Depois, a única preocupação do clero é com o dinheiro e suas inspirações na mundaneidade. Aqui no Brasil a falta de cultura do Espírito (desde seminários, reitores, bispos...) é imensa. Não hesitam comprar um carro zero (seja lá o preço que for) e esquecem que o Espírito passa pela arte e a boa arte tem preço. Certa vez, pintei um painel de 2 x 2m numa manhã e alguém disse-me: “você pinta rápido e caro” e, eu respondi, “sim, pintei numa manhã e trinta anos de pesquisa, estudos, oração etc.” Arte não se compra por metro e tempo, ela é de outra natureza. É muito triste ser medido por pessoas grosseiras.* (PASTRO, 2011)

interessante é o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, possivelmente o maior e mais importante centro religioso de peregrinação do Brasil.

#### SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA: POR UM CENTRO DE FÉ NACIONAL PÓS-CONCILIAR

O Santuário Nacional de Aparecida (Aparecida-SP) destaca-se por sua magnitude, projeção e, sem dúvida, por ser um dos maiores centros da fé católica no Brasil<sup>4</sup>, responsável por formar parte de sua identidade nacional. Embora a história do Santuário comece em 1717, com o achado da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul, foi no século XX que o local se configurou como centro oficial e institucionalizado de peregrinação e devoção do catolicismo brasileiro. Entre conjugações de interesses em que Igreja e Estado apropriaram-se da imagem da Santa, a cidade de Aparecida e o Brasil tornaram-se uma só coisa: por meio do sentimento patriótico e religioso, a nação passou a ser representada através de um símbolo católico constituído, Nossa Senhora Aparecida (lembrar dos atos que consagraram N. Sra Aparecida como Rainha e Padroeira do Brasil em 1931).

É nesta conjuntura de fatores que se encontrou a construção do Santuário Nacional de Aparecida. Como o número de fiéis que recorria à primeira igreja tinha aumentado, motivados por um sentimento também cívico, era necessário edificar um novo templo. Assim, por iniciativa dos Bispos do Brasil e dos padres da Congregação do Santíssimo Redentor, teve início a construção da atual Basílica Nova, em 1955, tendo como idealizador Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890-1982), primeiro arcebispo de Aparecida. Com projeto de Benedito Calixto de Jesus Netto, sua receptividade foi tanta que foi elevada à categoria de Basílica Menor pelo papa João Paulo II ainda durante os anos de sua construção.

Mesmo entre problemas financeiros, a estrutura na forma de cruz latina (originalmente grega) foi concluída nos anos 1980, porém o acabamento levou ainda muito tempo. Foi assim que, em 1997, a convite do então Cardeal Arcebispo de Aparecida, D. Aloísio Leo Arlindo Lorscheider (1924-2007), juntamente com outros artistas e arquitetos especializados em arte sacra, que o artista sacro plástico Cláudio Pasto tomou à dianteira nos processos de conclusão da basílica menor. Este convite foi também reflexo do estudo desenvolvido por Pasto e publicado em sua obra *Guia do Espaço Sagrado*, de 1999, intitulado “Algumas reflexões e sugestões sobre um local que não nos

4 Segundo declaração oficial da CNBB, em 1984, o Santuário Nacional de Aparecida seria a maior igreja mariana do mundo.

pertence: A Basílica de Aparecida. Para melhor compreensão deste espaço sagrado”. Nele, propunha diversas alterações para o espaço, bem como desenvolveu sua própria análise sobre o santuário, partindo sempre da íntima relação entre a arte sacra e a liturgia como forma de manifestar o centro da celebração cristã: o Mistério Pascal.

Sem dúvida, a Basílica de Aparecida tem sido seu maior e mais importante trabalho, ainda em execução. Pensando-a como um invólucro do espaço sagrado manifestado, idéia compartilhada dos trabalhos de fenomenologia de Mircea Eliade, seu objetivo nesta obra é tornar o templo não “um Santuário Nacional da Fé, mas, sobretudo, um centro educativo da fé e de uma cultura de unidade nacional. Transcendente a qualquer subjetivismo e como tal deve ser estudado e concluído” (PASTRO, 1999: 252). Para Pastro, deveria ser empregada no templo uma linguagem do simbólico que não afastasse, mas aproximasse os fiéis para este *locus* de hierofanias. Como mostra em seu próprio anteprojeto de 1997, na forma de *post scriptum*, afirma: “Cuidado! No Brasil, a única visão que o povo tem de igreja são as formas clericais do século XIX. Os objetos vagabundos das ‘lojinhas’ são os mesmos encontrados no interior do edifício cristão” (PASTRO, 1999: 252).

A execução do projeto de Pastro começou em 2000 com uma série de estudos para o Altar-central, o Presbitério e Retábulo da imagem. Com base no azulejo de tradição portuguesa, o elemento congregador do espaço é a imagem da *Jerusalém Celeste*, como sendo o lugar da nova criação, que desce e se instala no meio dos fiéis, buscando inspiração também no livro do Cântico dos Cânticos, obra que expõem, simbolicamente, o ideal de relação entre Cristo e sua Igreja.

O piso da Basílica, todo em granito brasileiro nas cores vermelho Brasília, rosa Goiás e branco Polar, remete às formas da cestaria indígena, simbolizando a terra brasileira que recebeu o mistério cristão. O do Altar central, por exemplo, é constituído em um presbitério circular do qual partem linhas em ziguezague, estando a mesa do Altar ao centro na forma quadrada (símbolo da perfeição). Lembrando formas indígenas que simbolizam as ondas da água da vida, as linhas partem para as quatro naves da igreja, como os quatro rios que saem do trono do Cordeiro para inundar toda a terra, segundo o livro do Apocalipse. Como mostra Pastro, no presbitério circular, a pedra (altar), que é o Cristo, se expande em direção aos quatro cantos do universo (ver ANEXO). Da cúpula central, em um grande cabo, está pendurada uma cruz de aço com a silhueta vazada do Cristo crucificado, a chamada cruz cósmica: apenas uma indicação da figura, símbolo do Cristo vivo e invisível que está lá presente, contrastando com a comovente e ensaguntada efigie do barroco.

A água é um elemento central na concepção do espaço, tanto no piso como nos barrados das paredes e pilastras, simbolizando tanto as águas do rio Paraíba, onde a imagem foi descoberta, quanto mostrando que, ao adentrar o espaço sagrado, o crente é imerso no Cristo, Fonte de Vida Nova, na ação contínua do Espírito que dá vida a ele e ao local.

Em 2004 foi entregue uma das obras mais importantes, revitalizada em 2011: o retábulo/trono da Imagem. Nele há uma grande faixa central ouro contendo, ao meio, em uma faixa branca, três arcanjos em traços dourados: no alto Rafael, no meio Miguel e abaixo Gabriel. Cada figura tem seis metros de altura, correspondente à escada de Jacó, na qual os anjos descem e sobem, trazendo graças e levando os pedidos dos fiéis. Na base está o nicho da imagem, de prata e brilhantes, envolto por um grande sol que corresponde à mulher vestida de sol do Apocalipse. De cada lado, há grande painéis em tons de azul ultra-mar, azul turquesa, lilás, branco e ouro, onde estão representadas 12 mulheres do Antigo Testamento que prefiguraram a Virgem (ver ANEXO).

No estudo desenvolvido por Pasto, houve uma nova atribuição para os espaços da Igreja. As capelas foram novamente repensadas e ambientadas segundo um estudo simbólico: as do lado sul tornaram-se Capela do Santíssimo e Capela Diária (dedicada a São José, tendo ao fundo um grande painel de azulejos com o sonho de José, encimado por um barrado de estrelas de Davi e, no barrado, água e tamareiras que indicam o oásis, lugar de repouso e contemplação); enquanto que, as duas do lado norte, permanecem como Capelas de Passagem ou dos Anjos. Nos extremos da arcada externa estão a Capela do Batismo e a Capela da Ressurreição, onde estão os restos mortais dos arcebispos de Aparecida.

Pasto optou por utilizar painéis de azulejos em toda a igreja, primeiro pela conservação, segundo porque representariam uma tradição cultural ibérica, de grande influência moura e bizantina, além de terem origem, conforme o artista, na Mesopotâmia, terra de Abraão e Sara, pais da fé. Para o interior da Basílica, ele valoriza a cor terra (do Útero de onde se renasce – também referência à imagem que é feita de barro) por meio do tijolo a vista que tem apoio na questão térmica e acústica. Ao longo das quatro naves, na parte superior, foram realizados painéis que representam o Evangelho, a vida de Cristo que a Igreja celebra anualmente, formulados à mesma linha cromática do trono da imagem. Esta noção é cara para Pasto, baseado na ideia da *Biblia Pauperum*, uma arte didática e mistagógica. Todos os vitrais do clerestório são abstratos, uma vez que as figuras não seriam próprias do estilo basilical e românico.

Sua linguagem pauta-se na simbologia, algo que retoma em outros três grandes painéis, instalados internamente, na região dos pórticos: o Painel das Mulheres na História da Igreja, da Evangelização do Brasil e dos Fundamentos da nossa Fé. Como exemplo, citamos o Painel das Mulheres na História da Igreja, sobre a porta santa, na nave norte, representando cerca de 60 mulheres da história da Igreja, a partir de Maria Madalena, a primeira discípula, até Edith Stein e Maria Helena Chartuni, responsável pelo restauro da imagem quando do atentado de 1978, tendo o Cristo Pantocrator ao centro: sobre a porta santa, entra o Cristo Sol e seu séquito, seria o amado que viria desposar a noiva Igreja com o cortejo das mulheres que louvam o rei.

De fato, Pastro trouxe um novo enfoque para o espaço. Observou-se que, muito mais que uma discussão sobre os modos de fazer e os estilos de arte, o que está em jogo é um modelo sistemático de organização da fé católica a partir daquele que é o maior centro irradiador do catolicismo no Brasil. Frente à concentração de eventos católicos em Aparecida, como as reuniões anuais da CNBB, é evidente que a Igreja buscou e busca criar um cenário novo e radical, cuja *novidade* (mesmo que a base seja um modelo de fé dos primeiros anos do cristianismo) seja capaz de ofuscar diversos e antigos atores e as relações entre eles, remetendo-os a um lugar secundário.

Entendeu-se, assim, que a entrada de Pastro no projeto do santuário não foi por acaso: suas obras já eram afamadas e sua proximidade e apreço por parte do Clero brasileiro e internacional e da Sé Vaticana já eram evidentes, uma vez que sua linguagem era a mesma da Igreja. Assim, seus projetos suprimiram quaisquer outros que existiram, criando, definitivamente, uma nova linguagem para um espaço capaz de congregar pessoas de todo o Brasil. Pode-se compreender a novidade de suas obras a partir de sua fala: “O projeto arquitetônico foi de Benedito Calixto de Jesus Netto, mas para o interior não havia nenhuma ideia e todo o pensamento iconográfico da Basílica, à medida que os padres me permitiram até aqui, tem sido minha” (ALBERTO, 2007) – mesmo sendo constatada a presença, nas pesquisas no Arquivo da Cúria de Aparecida, de diversos projetos para o interior.

O que se busca salientar é que a presença da *arte oficial* de Pastro corresponde a um desejo de colocar as discussões da Igreja do Brasil em consonância com as correspondentes romanas pós-Vaticano II, inclusive no campo da arte. A produção de Pastro não deve ser vista e vinculada somente como expressões vazias, mas como formas que se movimentam a partir do impulso dado

pela instituição. Tal interpretação pode ser vinculada muito mais quando se pensa que, praticamente desde o início, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil travou relações fortes de controle sobre o Santuário Nacional, cabendo a ela a manutenção de um diálogo com Roma e aplicar suas diretrizes e normas.

O que se verificou é que a Igreja buscou dotar o Santuário de um discurso religioso oficial, que implementasse o modelo de Liturgia renovada, cujo centro fosse o Altar e o Mistério Pascal, diferente de seu modelo e vocação popular. A igreja, frente a uma dispersão de seus fiéis, incide em um novo momento de evangelização, mas que tem um programa diferenciado: reelaborar os modelos de piedade popular a partir de um molde refinado de fé. Pastro é um grande exemplo deste momento, trabalhando a partir de uma noção que vai de cima para baixo, algo diferente de outros artistas, arquitetos ou liturgistas, que primeiro pautam suas ações em uma obra de conscientização dos fiéis. Este é, talvez, um dos maiores motivos para a não aceitação ou não compreensão do trabalho do artista.

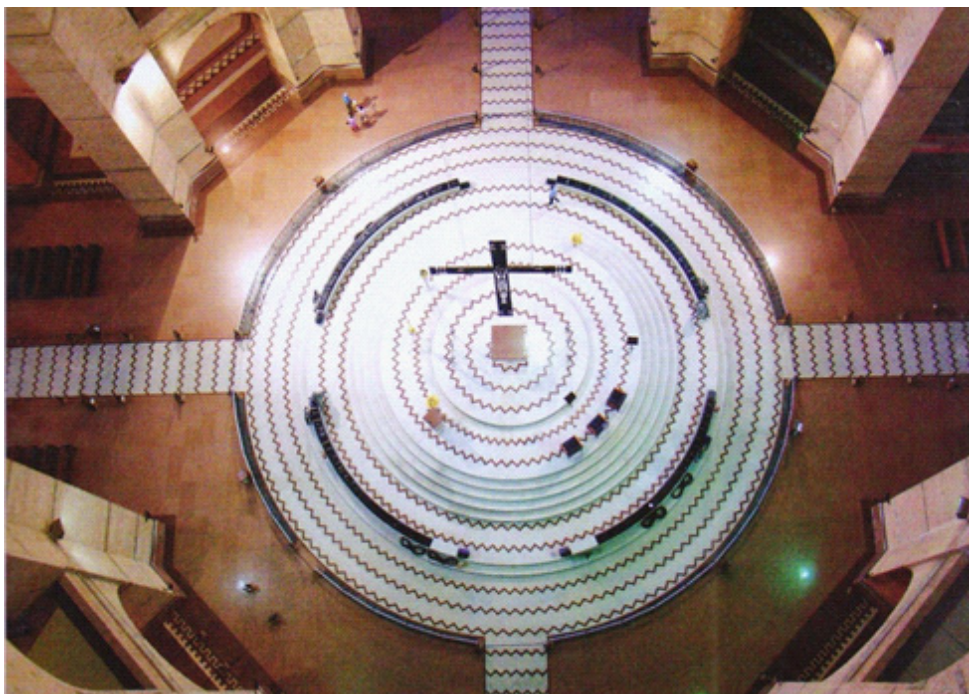
Assim, muito mais do que um elo com os ideais redentoristas, cuja ligação com as práticas devocionais é grande, aplicou-se em Aparecida uma nova política religiosa, representada por Pastro, e este, como membro primeiro da Igreja e dela representante, caracteriza suas próprias doutrinas. Mesmo assim, estes ideais ainda não tem uma receptividade eficaz, resultado de uma noção política ainda tridentina, de um hábito diferente. São os próprios padres redentoristas que fazem esta ponte entre o espaço e as antigas práticas com o fiel, de modo que se pode pensar a relação entre a recepção e o fazer-se da arte sacra não como uma história reduzida a uma versão institucional, à qual se atribui uma lógica prefixada modelarmente, mas como movimentos que abstraem qualquer proposição. Nesta linha, Pastro representa um novo expoente da nova política religiosa-artística da Igreja, responsável por uma nova estrutura de evangelização, de conquista catequética, de reformulação de doutrinas, e de práticas (extra e intra-litúrgicas).



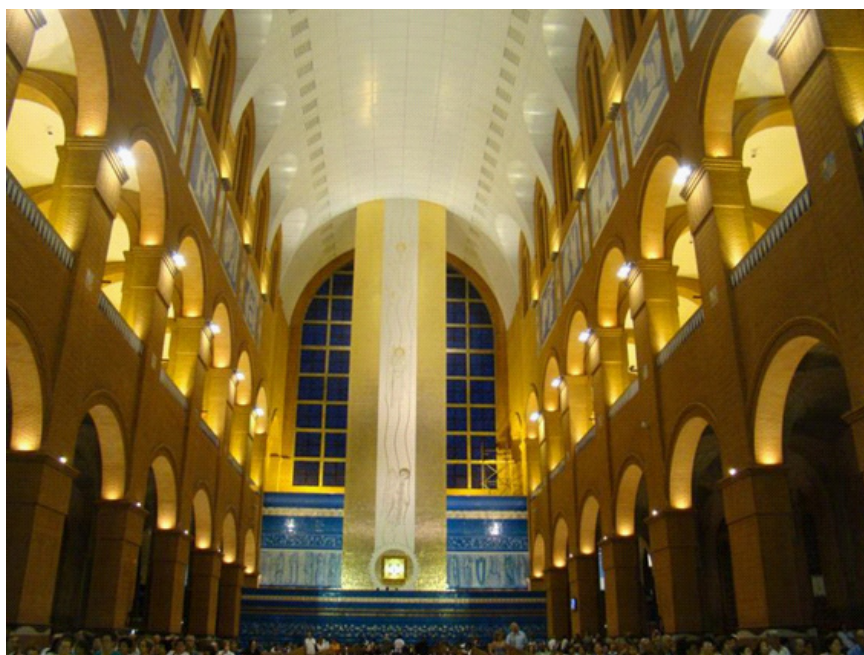
BIBLIOGRAFIA

- ALBERTO, Isabella S. “A arte a serviço da beleza”. Entrevista cedida por Cláudio Pastro à Revista Internacional de Comunhão e Libertação “Passos”, nº 83, junho de 2007. Acesso em <http://www.passos-cl.com.br/cultura.asp?cod=26&tipo=0> em 24/02/2008
- ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via Pulchritudinis: o caminho da beleza* (28/03/2006). Tradução de Cláudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2007.
- BRUSTOLONI, J. J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias*. 12ª edição. Aparecida: Editora Santuário, 2004.
- IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. São Paulo: Paulinas, 1967.
- MORGAN, David. *Visual Piety: a history and theory of popular religious images*. Los Angeles: University of California Press, 1998
- OCHSÉ, Madeleine. *Uma Arte Sacra para nosso Tempo*. São Paulo: Flamboyant, 1960.
- PAIANO, Maria. *Liturgia e Società nel Novecento: percorsi del movimento liturgico di fronte ai processi di secolarizzazione*. Biblioteca di Storia Sociale, 28. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 2000.
- PASTRO, Cláudio. *Arte Sacra: o espaço sagrado hoje*. Itapetecica da Serra: Casa São Lucas, 1993.
- PASTRO, Cláudio. *C. Pastro Arte Sacra*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PASTRO, Cláudio. Entrevista cedida por Cláudio Pastro a Antonio Fabiano, 2011. Acesso em 20/06/2011 em <http://antoniofabiano.blogspot.com/2011/05/entrevista-de-claudio-pastro-antonio.html>
- PASTRO, Cláudio. *Guia do Espaço do Sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999.

IMAGENS



2000-2006. Cláudio Pastro. *Presbitério do Santuário Nacional de Aparecida*. Granito. Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Aparecida, São Paulo. (imagem disponível em <http://www.a12.com/blog/campanhadosdevotos/cupula-central-uma-grande-obra-de-amor>)



2000-2011. Cláudio Pastro. *Nave Sul e Trono da imagem (revitalizado)*. Tijolo a vista, azulejo, metal. Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Aparecida, São Paulo. (imagem disponível em <http://www.a12.com/blog/campanhadosdevotos/cupula-central-uma-grande-obra-de-amor>)